

## Cyberhome DVD 505

### Descrição

Os economistas interessados na relação entre produto e processo produtivo, dirão que os leitores de DVD são hoje produtos «sistémicos», em que a competição entre alternativas se faz essencialmente pelo preço. O processo de produção de um leitor de DVD está hoje de tal forma automatizado, tendo sido feito um investimento tal em tecnologia de forma a produzir em massa e a tirar proveito de economias de escala, que não há receptividade de nenhum fabricante para alterações «radicais» nas suas propostas; quando muito, desde que isso não perturbe o processo amadurecido ao longo de anos, há disponibilidade para incluir novidades «incrementais», como por exemplo o suporte a MP3.

Esta especialização implica uma resistência à mudança, no mercado instalado: os consumidores esperam certas características que o Marketing promoveu, e as empresas ainda «em jogo» estão interessadas na maximização da sua capacidade produtiva, praticando margens de lucro baixas, que compensam pela quantidade de vendas. A resistência destes agentes económicos à inovação de produto (e de processo), abre uma oportunidade a quem identificar novas necessidades de consumo, e lhes souber responder... pois nesse contexto, a empresa inovadora estará sozinha na praça, em condições de praticar margens «anormais», que cedo chamarão a atenção da concorrência, ocasião em que se assistirá ao fenómeno que no DVD aconteceu há um par de anos atrás, quando a disputa se fazia pela diferenciação (suporte a DTS, suporte a VCD, suporte a conteúdos em CDR...).

Hoje não há diferenciação, e mesmo entre produtos da mesma empresa, os preços distintos traduzem características secundárias. Isto foi especialmente patente com o Cyberhome CH-DVD 505, que eu tive oportunidade de experimentar, poucos dias depois do modelo CH-DVD 302.

O 302 e o 505 não são rigorosamente idênticos: há diferenças estéticas, há diferenças de interface com o utilizador (via um sistema de menús OSD), e o 505 tem ainda saídas analógicas para os até 5.1 canais identificados em sessões de Dolby Digital, pelo que dispensa um descodificador externo, podendo ser directamente ligado a amplificadores de som... mas, em essência, são produtos equivalentes. Bons produtos.

A frente do DVD505, tem o botão de ligar/desligar à esquerda, a gaveta para o disco óptico ao centro, as teclas de navegação à direita (eject, play, stop, pause), e ainda um controlo circular que permite fazer avanços e recuos de (e no) capítulo. A estética deste painel frontal representa um equilíbrio bem conseguido entre simplicidade e «apelo cromado».

A parte de trás do Cyberhome é rica: há saídas de vídeo composto (RCA), S-Vídeo (SVHS), RGB por ficha SCART, e por componentes (Y, Cb, Cr); há saídas de áudio analógico estéreo e de Dolby Digital (DD) 5.1, esta última

por seis terminais RCA e por uma ficha multipinos; e estão disponíveis saídas de áudio digital, por fichas Toslink (sinal óptico) e RCA (sinal eléctrico).

Para lá desta conectividade sem mácula, o 505 está no limite da funcionalidade. De acordo com o manual, suporta conteúdos CD-Áudio, MP3, DVD-Video e VCD, e admite suportes CDR e CDRW. É quase «fatal» que também seja compatível com DVD+R, DVD+RW, DVD-R e DVD-RW, mas isso não se pode garantir, porque o firmware das máquinas no mercado pode mudar.

A principal característica não documentada que interessará a muitos potenciais clientes, é a possibilidade de se utilizar o aparelho para ler software DVD de várias regiões, ultrapassando assim uma barreira comumente impeditiva da fruição, por exemplo, de títulos R1 (comercialmente restritos aos EUA) na Europa (R2), e vice-versa.

Mais uma vez, os diferentes firmware poderão implicar diferenças de procedimento, mas uma forma de mudar a região activa no Cyberhome CH-DVD 505, poderá ser (#1) abrir-lhe a gaveta; (#2) pressionar 3 3 5 8 no telecomando, (#3) pressionar o número da região que se pretende. E está feito – compare-se isto com os pingos de solda que, com zero de habilidade, derramei no meu Pioneer DV-505, no século passado...

Uma característica das máquinas Cyberhome, que muito valorizo é o suporte a VCD. Os títulos Vídeo-CD praticamente que não têm expressão comercial, mas é fácil fazer a sua autoria num computador pessoal, pelo que se abre um horizonte de criatividade que você pode explorar fazendo, por exemplo, a conversão para VCD de gravações analógicas preciosas, ou então (menos elementar) o backup de filmes em DVD. Aquilo que fizer autoria de, no seu PC, poderá depois ser utilizado no conforto do seu sistema de cinema-em-casa.

É importante notar que o DVD505 não faz a descodificação para analógico de streams DTS (Digital Theater System); o seu descodificador integrado é apenas para Dolby Digital. O que o logotipo DTS – ostentado na frente do aparelho – significa, é a capacidade de leitura de discos com som nesse formato, mas o sinal terá que ser enviado a equipamento externo, pelas saídas de áudio digital.

Este Cyberhome tem um funcionamento silencioso e não aquece significativamente, algo que não poderia ter escrito sobre as primeiras propostas da marca, mas que já tinha verificado no DVD302.

O DVD505 foi utilizado para reproduzir títulos DVD e VCD, integrado no seguinte sistema:

- amplificador Audiolab 8000PX (para as colunas frontais)
- amplificador Audiolab 8000S (para a coluna central)
- amplificador Audiolab 8000A (para as colunas posteriores)
- descodificador Sony DSP EP9ES (acima de tudo, para Dolby Digital)

- colunas frontais Paradigm Reference Studio 100
- coluna central Castle Keep
- colunas posteriores Infinity Reference 50
- subwoofer Energy ES8

## Opinião

Um título, em DVD, muito importante para a minha opinião do 505, foi Spirit Stallion of the Cimarron (SSC), da Dreamworks. Trata-se de um filme de animação, que nos deslumbra com a história de um cavalo que resiste a ser domado, e que iconiza a liberdade e o espírito de liderança, em todas as situações em que se vê envolvido.

Numa história em que é fundamental o relacionamento, de afecto e de conflito, deste cavalo com seres humanos e com os da sua espécie, a solução mais fácil teria sido a de pôr os quadrúpedes a falar em inglês, ou nas línguas para as quais se decidisse a dobragem. Mas aqui os cavalos não falam – relinham!

É extraordinária a intensidade visual de cada sequência animada. A forma como tudo se diz, sem articular palavras e sem confundir os espectadores, é elogiosa para todos os que trabalharam nesta produção, mas principalmente para o argumentista (John Fusco) e para os realizadores (Kelly Asbury e Lorna Cook). A última vez que tinha sentido esta beleza do cinema sem *bla bla bla*, tinha sido com The Quest for Fire (A Guerra do Fogo)...

As técnicas utilizadas em SSC, permitem uma naturalidade de cores impressionante. Muitos filmes de animação são «violentos» nos contrastes e berrantes nas cores, o que não tem relação alguma com critérios fundamentais, mas espelha simplesmente a sua tecnologia. Estou a recordar-me do aspecto aguarela de Branca de Neve e os Sete Anões, mas também do look lustroso de todas as superfícies, em Toy Story.

Em termos de DVD-Vídeo, uma gradação cromática artificial, impede que um filme de animação seja referido como indicador razoável da reprodução de cores em títulos «convencionais», mas isso não se aplica com linearidade, em Spirit.

As sequências que animam a água que corre em rios e cascatas, a erva que o vento faz dançar, o verde das colinas distantes, e o branco das nuvens no céu, são de uma credibilidade e pureza de referência.

O Cyberhome DVD 505 esteve perfeito em SSC. Neste caso particular, resolvi utilizar o seu próprio decodificador de Dolby Digital, com bons resultados, num filme com uma orquestração complexa e de grande responsabilidade, na transmissão de emoções, que não podiam ser faladas... Embora sem a dinâmica do Sony EP9ES, o 505 fez uma apresentação resoluta, com força nos graves, conservadora na extensão em alta frequência (daí a menor dinâmica), mas livre de efeitos de escada (grão no agudo), e eficaz na envolvimento.

A qualidade de imagem deste Cyberhome é correcta nas cores, definida, luminosa no sentido positivo, e firme na horizontal, sendo mesmo possível fazer a emissão em PAL60 (60 Hz).

Os títulos *The Player* (TP, DVD), de Robert Altman, e *Lord of the Rings* (LOTR, VCD), vieram confirmar estas boas indicações, em filmes com pessoas e hobbits de carne-e-osso, e som do jazzístico, ao próximo de Hans Zimmer.

Todavia, na reprodução de VCD, terei sentido uma imagem ligeiramente mais cansativa, menos estável, do que com o DVD302. Infelizmente, não foi possível uma comparação directa, e este fenómeno depende bastante do televisor ou dispositivo de projecção que se utilize.

Gostei muito do desempenho em *The Player*, principalmente no momento negro do filme, quando um argumentista é assassinado por asfixia, por afogamento, numa poça de água, num parque de estacionamento, quase que só iluminado por uma luz de presença vermelha... o que confere à cena, pelo reflexo na água, um ambiente marciano, que dificulta muito os contrastes faciais (a expressão de surpresa no rosto do assassino) e fomenta os «artefactos digitais» (processamento de encarnado e negro, em blocos sobredimensionados), mas que é reproduzida sem qualquer tropeção.

Aliás, «artefactos brinde» só mesmo no VCD de LOTR, na sequência da batalha inaugural, em que centenas de orcs e humanos se defrontam.

Por fim, indico que não houve bloqueios na reprodução de nenhum título DVD-Vídeo, incluindo o terrível *The Faculty*, da LNK.

## Resumo

O Cyberhome CH-DVD505 é um leitor de DVD-Vídeo, VCD, MP3 e CD-Áudio. Suporta discos CDR e CDRW, entende-se com streams DTS e Dolby Digital, e integra mesmo um decodificador 5.1 deste último formato, pelo que basta juntar-lhe amplificação, para se ter uma sessão de cinema-em-casa.

Algumas características não documentadas (desde logo não garantidas), são a mudança fácil da protecção regional, e o suporte a DVDs (re)graváveis.

Este aparelho é competente em tudo a que se propõe: correcto nas cores, estável na imagem, contrastado e luminoso, e seguro no áudio!

Recomendado.